A VIOLÊNCIA DE GÊNERO LETAL: releitura de representações sociais veiculadas em jornais eletrônicos

Ana Doroteia Santos Dias[1]

Márcia Santana Tavares[2]

RESUMO

O artigo tem por objetivo construir uma reflexão teórica sobre as representações do crime de feminicídio veiculadas nos jornais, com ênfase na forma como é produzida a espetacularização do crime, prezando por uma conscientização populacional, tendo em vista que a maior parte das manchetes desses assassinatos ainda culpabilizam a vítima. Este paper, portanto, busca reforçar a importância de difundir a discussão sobre a violência de gênero, de modo a inibir a banalização e naturalização do crime de feminicídio, cujas representações presentes nos jornais sobre esses assassinatos em nada contribuem para a desconstrução de estereotipias e perpetuação das múltiplas formas de violência a que se encontram sujeitas as mulheres.

Palavras-chave: Feminicídio; Representações; Jornais eletrônicos.

LETHAL GENDER VIOLENCE: rereading social representations published in electronic newspapers

ABSTRACT

The article aims to build a theoretical reflection on the representations of the crime of femicide published in newspapers, with an emphasis on how the spectacularization of crime is produced, valuing population awareness, considering that most of the headlines of these murders still they blame the victim. This paper, therefore, seeks to reinforce the importance of spreading the discussion about gender violence, in order to inhibit the trivialization and naturalization of the crime of femicide, whose representations in newspapers about these murders do nothing to contribute to the deconstruction of stereotypes and perpetuation of the multiple forms of violence to which women are subjected.

Keywords: Femicide; Representations; Electronic newspapers.

1Universidade Federal da Bahia – Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismos; anadoroteiadyaz@gmail.com

2Universidade Federal da Bahia – Doutora em Ciências Sociais pela UFBA; marciatavares1@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A violência de gênero contra as mulheres, no Brasil, possui um percurso histórico permeado por avanços e conquistas, contudo, ainda não há como vislumbrar perspectivas de extinção desse fenômeno. Nesse sentido, refletir a respeito do tema pode produzir respostas que se tornem essenciais para o revés dessa problemática social.

A tipificação do crime de feminicídio surge a partir de lutas feministas desfraldadas desde a década de 1980, mas a Lei n°13.104/2015, popularmente conhecida como Lei do Feminicídio, foi promulgada recentemente durante a presidência de Dilma Rousseff, em 9 de março de 2015, alterando o Código Penal Brasileiro para qualificar os crimes de homicídio. “O feminicídio se configura penalmente como crime praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino” que se refere à “violência doméstica e familiar; e menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (BRASIL, 2015). Durante a tramitação na Câmara dos Deputados, no Senado e ao ser aprovado no Congresso Nacional, em meio a insistentes pressões dos parlamentares da bancada religiosa, o texto inicial foi modificado e a expressão gênero foi substituída por “*sexo*”, despolitizando o sentido que se pretendia atribuir ao crime, na medida em que ao se colocar ênfase no aspecto biológico, ocultou-se as especificidades que caracterizam este crime e o distinguem de outros homicídios.

Ora, sabe-se que a categoria gênero surge exatamente porque o termo *sexo* não conseguia abarcar análises nas quais os aspectos culturais são primordiais para apontar diferenças sexuais produzidas socialmente (SCOTT,1990). O termo gênero categorizaria o feminicídio como resultado de uma opressão histórica associada ao comportamento patriarcal legitimado pelo Estado. Além disso, a ausência do termo reedita o determinismo biológico e firma a marginalização de mulheres transexuais, “uma vez que o binarismo presente no texto permite a interpretação de que elas não são privilegiadas pela tipificação de feminicídio, sendo então invisibilizadas sociojuridicamente” (SAAD, 2015, p. 46).

As representações do crime de feminicídio nos jornais de circulação nacional se tornaram cotidianas, o termo que qualifica esses assassinatos está em voga nos últimos 5 anos no Brasil, mas as razões que determinam esse desfecho ainda são secundarizadas, dado que os discursos que acompanham essas notícias tendem a culpabilizar a vítima ou a legitimar a ação do assassino. No ano de 2020 a discussão se tornou alarmante, os índices de feminicídios aumentaram exponencialmente, pois estar confinadas em razão da pandemia de Covid-19, para muitas mulheres brasileiras se tornou sinônimo de perigo. Os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Atlas da Violência 2020 vêm reiterar as estatísticas, no Brasil existe um predomínio da modalidade do feminicídio íntimo, cujos assassinatos são perpetrados pelos parceiros ou ex-parceiros da vítima, em seu ambiente familiar.

Dessa forma, este artigo objetiva fomentar reflexões sobre a promoção de políticas públicas de combate à violência de gênero, ao tentar ilustrar como as representações em torno do crime de feminicídio ainda não traduzem a realidade de um desfecho letal provocado pelas relações hierárquicas de poder baseadas no gênero, ou seja, fundadas nas construções culturais das masculinidades e feminilidades entrelaçadas ao sistema patriarcal.

2 REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E O FEMINICÍDIO

Para tecer uma reflexão teórica sobre as representações do feminicídio torna-se essencial percorrer discussões sobre a violência de gênero e sobre a contextualização do feminicídio no Brasil. As autoras Wânia Pasinato Izumino e Cecília Macdowell Santos (2005) defendem que a violência contra as mulheres resulta de uma relação de poder, entendendo o poder como dinâmico, considerando que ocorrem mudanças nos diferentes papéis que as mulheres em situação de violência vêm assumindo. As autoras destacam a necessidade de definir a “violência de gênero” com maior rigor teórico e destacam a importância de incorporar todos os aspectos do conceito de gênero pensado por Joan Scott, evidenciando essa

categoria de análise como um campo imbricado em relações de poder (IZUMINO & SANTOS, 2005, p. 157).

Compreender a violência de gênero respalda a discussão de que os ciclos das agressões, que podem resultar no feminicídio, começam na inserção social das mulheres, em um contexto no qual durante a divisão dos papéis sociais ocorre uma hierarquização da ordem social que favorece majoritariamente homens, ou como nomeia Saffioti (2009), a ordem patriarcal de gênero que legitima e naturaliza a subordinação das mulheres aos homens.

Maria Amélia Saad (2018) aponta que o desenvolvimento do poder patriarcal perdura por se tratar de uma característica aceita na sociedade de forma natural e inconsciente, legitimada e reproduzida pelos dois gêneros, assim, envolvendo as mulheres na permanência de alguns comportamentos opressores, como afirma a filósofa Simone de Beauvoir (2009) mostrando que a força da opressão masculina sobre as mulheres é maior, pois se encontram, entre as próprias oprimidas, conivência e cumplicidade nesses esquemas de percepção social.

Pensar a participação feminina nas relações de dominação masculina não significa dizer que as mulheres são opressoras, significa que a violência de gênero contra a mulher é munida de todos os instrumentos necessários para seu funcionamento, pois são esquemas inconscientes de percepção, imbricados socioculturalmente, levando as mulheres a ratificarem um tipo de submissão. Como afirma Saad, para além da percepção da agência feminina nesse processo

> A desestruturação desse esquema é um mecanismo extremamente difícil, devendo passar por um processo de '*des-historicização*' que precisa mostrar aos homens que eles também são afetados e dominados por essa lógica inconsciente e naturalizada (SAAD, 2018, p. 29).

Com a pandemia de Covid-19, de acordo com María Ortega e o levantamento feito pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em abril de 2020 foi previsto que há cada seis meses de confinamento "mais 31 milhões de casos de violência de gênero seriam registrados". Em 2020, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) realizou uma pesquisa em seis países latino-americanos e identificou que entre 60% e 76%, cerca de duas a cada três mulheres, foram vítimas de violência de gênero em diferentes áreas da sua vida.

Segundo a ONU Mulheres, além do Coronavírus a violência também ceifou vidas: todos os dias, 137 mulheres são mortas por familiares. E este número é pré-pandêmico, apesar de ser o mais recente disponível e que pode ter crescido com as medidas de distanciamento social.

> Uma tendência que se repete na América Latina, região que possui 14 dos 25 países com as maiores taxas de feminicídio do mundo, segundo relatório da ONU Mulheres em 2018. O Observatório de Igualdade de Gênero da ONU para 24 países da região registrou que, 4.640 mulheres foram vítimas de feminicídio em 2019 (ORTEGA, 2021, s/p)

O Atlas da Violência 2020 e a Organização Mundial de Saúde (OMS) corroboram para afirmar que a modalidade de feminicídio predominante no contexto nacional é o feminicídio íntimo. A Organização Mundial de Saúde define violência perpetrada por parceiro íntimo, como comportamento que "*causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores*" (ONU/CIDH/OMS, 2012), essa definição refere-se a violências desferidas por companheiros atuais ou passados que podem culminar em violência letal.

> Feminicídio Íntimo: Morte de uma mulher cometida por uma pessoa com quem a vítima tinha, ou tenha tido, uma relação ou vínculo íntimo: marido, ex-marido, companheiro, namorado, ex-namorado ou amante, pessoa com quem tem filho(a)s. Inclui-se a hipótese do amigo que assassina uma mulher – amiga ou conhecida – que se negou a ter uma relação íntima com ele, seja sentimental ou sexual (ONU MULHERES, 2016, p. 22).

3 AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINICÍDIO NOS JORNAIS

Neste texto, compreendemos representações sociais tal qual Spink (1993), como expressões culturais em que se encontram imbricadas tanto permanências como mudanças, em que coexistem a pluralidade e a contradição. Nas palavras da autora:

> Entretanto, as representações sociais não são meras (re)combinações de conteúdos arcaicos sob pressão das forças do grupo. Elas são também alimentadas pelos produtos da ciência, que circulam publicamente através da mídia e das inúmeras versões populares destes produtos. (SPINK, 1003, p. 305)

Por isso, delimitar a causa dos assassinatos de mulheres por razões de gênero torna-se imprescindível ao evidenciar a motivação e especificidades referentes às mortes de homens e mulheres no cenário brasileiro. Segundo o Relatório "World Health Statistics"(ONU/CIDH/OMS, 2012), disponibilizado pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) Brasil, juntamente com a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2018, as causas de mortes masculinas na América Latina, no período de 2011 a 2018 são definidas por conflitos com arma de fogo, acidentes de trânsito e suicídio, enquanto as mortes femininas são geradas majoritariamente pelo feminicídio.

No Brasil, segundo o Centro de Estudos sobre Sistemas de Justiça, apenas 15% dos homens sofrem homicídios em sua residência, enquanto 40% das mulheres é vítima do feminicídio nesse mesmo ambiente. Outro fato elucidativo é que "a arma de fogo foi o meio usado para matar mais de 70% dos homens e menos de 50% das mulheres que foram vítimas de assassinatos" (WAISELFISZ, 2015, p. 39). Essas estatísticas indicam que o assassinato de mulheres, na maioria dos casos, emerge de violência possibilitada por maior contato interpessoal, "com o uso de objetos penetrantes, cortantes ou sufocação" (MACHADO, 2015, p. 41). Os dados disponíveis permitem inferir que a violência doméstica e conjugal é determinante para o desfecho da violência letal.

A comunicadora Maria Amélia Saad propõe um histórico desses jornais que tendem a explicitar a violência como forma de manter um público específico. A autora inicia a análise apontando a categoria dos "Jornais Populares", tidos por alguns autores até meados do início do século XXI, como "afronta à ética jornalística" (SELIGMAN, 2008 apud SAAD, 2018, p. 54). Esses veículos informativos tiveram como modelo o jornal paulista "Notícias Populares", veiculado entre 1965 e 2001, que trazia como *slogan* "Nada mais que a verdade". Esse impresso inaugurou nos discursos jornalísticos uma cultura sensacionalista, colocando em voga assuntos como a violência explícita, sexo, mortes e temas polêmicos; foi a partir desse jornal que o formato de jornal popular passou a se ressignificar.

> Em detrimento de um novo conceito de formatação, que, segundo Seligman (2008), preza por uma linguagem simples (não chula), didatismo, prestação de serviços e credibilidade. Os números e cifras desse tipo de publicação não param de crescer. Somente em 2015, no *ranking* dos dez maiores jornais brasileiros, seis faziam parte da categoria de "Jornais Populares". (SAAD, 2018, p. 55).

Segundo Ana Rosa Ferreira Dias (2003), são jornais que abrangem as classes populares, denominadas C e D, aproximando-se do público através de diversos recursos linguísticos e imagéticos, optando por narrativas coloquiais, construindo um imaginário próximo à oralidade comumente utilizada, reproduzindo termos específicos de cada região, cumprindo a intenção de agradar o seu público específico. É um tipo de jornal no qual não são impostos padrões de hierarquização literária, linguista e gráfica (DIAS, 2003). Dias afirma que há uma razão para essa aproximação oral e informal entendendo que "o valor de um discurso depende do status social do locutor, e isto explica por que determinadas manifestações linguísticas são sancionadas e outras excluídas" (DIAS, 2003, p. 51). Assim sendo, entende-se que o jornal escolhe um tipo de linguagem que julga ser mais compreendida pelo seu público-alvo.

Nesse contexto, Saad destaca que os discursos jornalísticos estão em constante reformulação e em grande medida não seguem piamente os padrões da receita original do "espreme que sai sangue", porém, muitos ainda utilizam recursos vinculados ao sensacionalismo utilizando-se de distorções das informações, da superexposição de pessoas, sobretudo ao noticiar a violência, sendo catalisador para a perpetuação de discursos hegemônicos relacionados a opressões (SAAD, 2018).

Diante disso, notou-se grande exposição de pessoas, corpos, cadáveres, sangue, armas, terror, e nos casos de feminicídio uma constante falta de tato, é como se esses casos passassem por um processo de desumanização, fica implícito que as vítimas são lidas como mais uma morte, mais um corpo, mais um número para as estatísticas. Essa modalidade comportamental percebida no periódico é indicada por Russel (apud SAAD, 2018, p. 57) quando ela discute que a mídia, ao tratar das reportagens policiais, torna-se grande responsável pela permanência de

estigmas e inferiorização da mulher. Em grande parte das reportagens coletadas pôde-se verificar fotografias degradantes nas quais os corpos das mulheres assassinadas foram superexpostos, o cenário de sua morte, a cena do crime, as mutilações, ferimentos e crueldade visíveis de modo banalizado.

As reportagens policiais encontradas nos jornais populares erigem uma imagem negativa da mulher calcada em estereótipos pejorativos, o que produz uma reação no público leitor que as culpa pelas violências sofridas, por não se enquadrarem nos padrões normativos idealizados em torno do ser mulher, colocando à margem principalmente mulheres que contrariam os padrões de feminilidade instituídos ou que vivem em situação de vulnerabilidade social, a exemplo das mulheres negras, pobres, lésbicas, prostitutas e usuárias de drogas (SAAD, 2018). Segundo Rita Segato (2018), esse movimento de estigmatização ocorre através da “pedagogia da crueldade”, em que a mídia “ensina” o leitor a naturalizar e não se sensibilizar, principalmente ao se tratar de feminicídio, pois o jornal cria um discurso que não produz empatia ou problematiza o crime, ao contrário, desumaniza as vítimas e em muitos casos atribui culpa à mulher.

3 O QUE DEU NO JORNAL? RELENDO NOTÍCIAS SOBRE O FEMINICÍDIO

Objetivando ilustrar as problemáticas envolvidas nas representações jornalísticas a respeito do crime, foram coletadas trinta reportagens referentes ao mês de agosto de 2021, separadas por data e título. O método de busca se deu a partir da inserção de dois descritores no buscador do *Google* “Feminicídio agosto de 2021” e “Mulher foi assassinada agosto 2021”. Essa opção não foi aleatória, mas intencional, queríamos demonstrar que a conjuntura dos casos de feminicídio no Brasil reflete uma realidade terrível, as mulheres estão cotidianamente sofrendo violências a ponto de terem suas vidas ceifadas, ou seja, nessa busca rápida encontramos diversos casos de feminicídio, sugerindo que, caso fizéssemos uma busca mais sistemática e ampliássemos o período investigado, os dados seriam ainda mais alarmantes, sem contar as centenas de casos invisibilizados ou não contabilizados. O Brasil reflete uma realidade de intensa desigualdade social, é um

dos territórios mais inseguros para pessoas negras, no qual a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado. É o quinto país mais feminicída do mundo, cenário que alveja 71% das mulheres negras brasileiras, seja por razões do feminicídio íntimo, feminicídio de Estado ou por abortos inseguros, são as mulheres negras as mais afetadas (CERQUEIRA, 2020).

Matérias coletadas por data e título

Agosto 2021	Título
02.08	Homem se entrega à polícia e confessa ter matado a companheira no sul do RS
03.08	Vídeo mostra suspeito de feminicídio pulando telhados para invadir casa de ex; mulher foi morta a facadas em Campinas
05.08	Vítima de feminicídio, mulher é morta a facadas em Nova Petrópolis
06.08	Adolescente indígena de apenas 14 anos é assassinada no interior do Rio Grande do Sul
07.08	Mulher é morta a facadas pelo ex-marido ao ser chamada para tratar sobre divórcio, em Fortaleza
07.08	Mulher trans é assassinada em velório de companheiro em SC...
10.08	Oficial de Justiça que matou professora a tiros não aceitava fim do namoro: 'Mais um caso de feminicídio', diz delegado
12.08	Foi um feminicídio cruel e brutal', diz mãe de mulher assassinada e carbonizada no Recife
13.08	Feminicídio: Mulher é morta a facadas na frente da filha em Joinville; marido foi preso
14.08	Mulher morta no Complexo do Chapadão é enterrada
15.08	Mulher é morta com 18 facadas no bairro de Santa Evelvina
16.08	Mulher de Pindamonhangaba é morta com mais de 20 tiros em Cachoeira Paulista
17.08	Diretora de circuito da F1 morta por marido já namorava mulher, diz amiga... Mulher de 46 anos é assassinada a facadas em Conchal; GCM prende suspeito
21.08	Mulher é morta pelo ex-marido na frente do filho e dos pais no Ceará
22.08	Mulher morta pelo ex-marido em Arapongas é identificada
23.08	Mulher é encontrada morta asfixiada com um pano, em Picuí, na Paraíba Três mulheres são assassinadas vítimas de feminicídio na Paraíba Diretora de circuito da F1 morta por marido já namorava mulher, diz amiga
24.08	Assassinato de uma mulher choca moradores de Campestre Empresária é morta pelo marido em Mato Grosso Marido mata esposa, procura a polícia simulando sumiço da vítima e é preso
27.08	Feminicídio: professora morta em rio no AP pediu medida protetiva e denunciou o ex por ameaça Catadora de materiais recicláveis é assassinada a facadas em Itatiaia
28.08	Mulher é morta a tiros pelo ex-marido em Capoeiras GO: Corpo de vendedora desaparecida é encontrado queimado em saco de lixo Mulher é encontrada morta após filho de 11 anos ligar para a polícia avisando sobre briga entre os pais Mulher é morta a facadas pelo companheiro em São Gabriel da Palha
29.08	Mulher é morta a tiros em fazenda no sudoeste da Bahia; filha de 7 anos também foi baleada
30.08	Mulher é morta dentro de banheiro de casa com cinco tiros por ex-companheiro em São Lourenço, MG

O escopo das matérias coletadas, seja pelo título ou pelo conteúdo da reportagem, enfocam no assassinato em si, não problematizam o fato de as mulheres terem sido mortas pelo companheiro/ex-companheiro nem tampouco atentam para o nível de crueldade e ódio a que as vítimas foram submetidas – asfixiadas, receberam várias facadas ou tiros, tiveram o corpo carbonizado, atos que visam eliminar qualquer possibilidade de sobrevivência.

As reportagens não propõem conscientização sobre a violência de gênero ou estão preocupadas com a prevenção desses crimes. Ao contrário, como destacamos em outro momento, não faz muito tempo as notícias de feminicídio eram classificadas como crimes passionais, ou seja, a paixão desmedida impeliu o homem a assassinar sua mulher. Esse posicionamento favoreceu a naturalização e romantização de crimes perpetrados contra mulheres no âmbito das relações afetivas, sob o falso argumento de que “se é paixão não há crime, foi afeto demais”. (SANTOS, TAVARES & SILVA, 2018)

Os estudos publicados pelo Ministério da Justiça como “A violência doméstica fatal: o problema do feminicídio íntimo no Brasil” e o Atlas da violência 2020 evidenciam que essa categoria de feminicídios ocorre, em sua maioria, com objetos cortantes, alvejando as mulheres nas regiões da cabeça, rosto, e nos locais que identificam a anatomia feminina como seios, ventre e vagina, submetendo a vítima a um nível extremo de violência. Além disso, são comumente executados nos ambientes domiciliares das vítimas e próximo de seus familiares (PRADO; SANEMATSU, 2017, p. 56).

Dessa forma, considera-se que mencionar os estudos a respeito do feminicídio pode contribuir para as políticas de prevenção, evidenciando que não são fatos isolados, existem perfis de atuação, cenários comuns, o jornal como um meio de comunicação democrático pode reformular a compreensão sobre a forma de noticiar esses casos, destacando que não são gerados pelo ciúme, amor ou traição, são crimes intrinsecamente ligados às estruturas patriarcais as quais determinam valores culturais e morais na formação das noções de masculinidades e feminilidades, bem como das relações afetivo-sexuais de grande parte da população.

4 CONCLUSÃO

A partir das releituras de representações do crime de feminicídio nos jornais eletrônicos, foi possível perceber que ainda existe uma lacuna na linguagem jornalística sobre a violência de gênero e sobre o feminicídio no Brasil. Os estudos sobre esses crimes demonstram uma conjuntura alarmante de índices de violência e mortes.

A pandemia da COVID-19 intensificou o perigo para as mulheres no ano de 2020 e 2021, ainda que as mulheres brasileiras estejam amparadas em políticas públicas para combater a violência e legislações avançadas como a Lei Maria da Penha (2006) e a recente Lei do Feminicídio(2015) para difundir a discussão sobre a violência de gênero e julgar com rigor o crime, a luta para desnaturalizar esse comportamento social deve ser intensa, são séculos de conformidade e conivência com os padrões hierárquicos de poder envolvendo o gênero, a raça e classe, nos quais a mulher é a mais vulnerável.

Refletir sobre o fenômeno do feminicídio coloca em voga uma perspectiva que é urgente, é imprescindível promover a prevenção desses crimes, a partir das políticas públicas de educação, de modo a produzir mudanças concretas nos discursos e representações. Como afirma Grada Kilomba, “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (KILOMBA, 2019, p.14).

Trazer à tona essas reflexões faz parte do percurso das rupturas de algumas dessas estruturas instituídas sócio-culturalmente. Dessa forma, a discussão aqui proposta busca explicitar de que maneira pode-se promover outras estratégias de combate à naturalização das narrativas e representações em torno da violência de gênero letal, ao evidenciar a linguagem como catalisadora fundamental na formação/conscientização da sociedade, bem como ferramenta indispensável para romper com os silêncios estruturais presentes em cada uma dessas mortes.

São os silêncios institucionais, epistemológicos e históricos os grandes impulsionadores da permanência da violência de gênero e dos altos índices de

feminicídio envolvendo as mulheres no geral e as mulheres negras em específico. É essencial refletir sobre as políticas de enfrentamento das violências contra as mulheres, e esquadrinhar as representações elaboradas em torno dessa problemática, pois, como pressagiou Audre Lorde: “O silêncio não vai te proteger”..

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Daniel. (Coord). et. al. Atlas da Violência 2020. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. IPEA/ FBSP. Distrito Federal, ago. 2020.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. O Discurso da Violência - as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: Cortez, 2003.

Feminicídio: Invisibilidade Mata/ Organização: Débora Prado, Marisa Sanematsu; Ilustração Lígia Wang; editor: Fundação Rosa Luxemburgo. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017.

IZUMINO, Wânia Pasinato; SANTOS; Cecília MacDowell. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero. Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. studios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe, Universidade de Tel Aviv, em 2005.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: Associação de Línguas Modernas, painel Lésbicas e literatura, 1977. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a- transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/ > acesso em: 25 ago. 2021.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação - Episódios do racismo cotidiano/ Grada Kilomba; tradução JessOliveira. 1ª ed. - Rio de Janeiro; Cobogó, 2019.

MACHADO, Marta Rodriguez de Assis. (Coord). et al. A violência doméstica fatal: o problema do feminicídio íntimo no Brasil. Governo Federal. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Reforma do Judiciário; 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Diretrizes Nacionais do Feminicídio para Investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres. Brasília- DF: ONU Mulheres Brasil. 2016.

ONU CIDH - OMS. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência. 2012.

ORTEGA, María Camila Rincón. Dia da Mulher: O que a pandemia da Covid-19 piorou para meninas e mulheres. CNN Brasil. 08 mar. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/dia-da-mulher-o-que-a-pandemia-da-covid-19-piorou-para-meninas-e-mulheres/. Acesso em: 27 ago. 2021.

RUSSEL, DEH; Harmes, RA. Femicide in global perspective. New York: Teachers College Press; 2001

SAAD, Maria Amélia Pedro. A Trama das Mulheres Invisíveis: Análise da Abordagem de Feminicídio Íntimo no Jornalismo Popular. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e da Mulher) - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais/FLACSO-Brasil, junho de 2009. Disponível em: http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Heleieth_Saffioti.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

SANTOS, Emily de Souza; TAVARES, Márcia Santana; SILVA, Amanda Alves da. Os programas sensacionalistas na Bahia e o discurso sobre a violência de gênero contra as mulheres. Anais da XX REDOR. Realize: Salvador, 2018. Disponível em: https://www.sinteseeventos.com/site/redor/GT4/GT4-30-Emily.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul-dez.,1990, p. 71-99.
SEGATO, Rita. Em los medios existe uma pedagogia de la crueldad. [Entrevista a Rita Segato]. Faculdad de Periodismo y Comunicación Social. Universidad de La Plata. s.d. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/node/4602> Acesso em: 15 set. 2018.

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

WAISELFISZ, Jacobo Julio. Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil. 1ª Edição, Brasília, 2015.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Homem se entrega à polícia e confessa ter matado a companheira no sul do RS. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/08/homem-se-entrega-a-policia-e-confessa-ter-matado-a-companheira-no-sul-do-rs-ckrupchwi003701935tiv0lfr.html>
Vídeo mostra suspeito de feminicídio pulando telhados para invadir casa de ex; mulher foi morta a facadas em Campinas. https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/08/03/video-mostra-suspeito-de-feminicidio-pulando-telhados-para-invadir-casa-de-ex-mulher-foi-morta-a-facadas-em-campinas.ghtml.

Vítima de feminicídio, mulher é morta a facadas em Nova Petrópolis. https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/policia/noticia/2021/08/vitima-de-feminicidio-mulher-e-morta-a-facadas-em-nova-petropolis-ckryrq3k4000p0193ivyxurxu.html
Adolescente indígena de apenas 14 anos é assassinada no interior do Rio Grande do Sul https://www.brasildefato.com.br/2021/08/06/adolescente-indigena-de-apenas-14-anos-e-assassinada-no-interior-do-rio-grande-do-sul
Mulher é morta a facadas pelo ex-marido ao ser chamada para tratar sobre divórcio, em Fortaleza https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/mulher-e-morta-a-facadas-pelo-ex-marido-ao-ser-chamada-para-tratar-sobre-divorcio-em-fortaleza-1.3120029
Mulher trans é assassinada em velório de companheiro em SC... - Veja mais em https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/08/07/mulher-trans-e-assassinada-em-velorio-de-companheiro-em-sc.htm?cmpid=copiaecola
Oficial de Justiça que matou professora a tiros não aceitava fim do namoro: 'Mais um caso de feminicídio', diz delegado https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2021/08/10/oficial-de-justica-que-matou-professora-aposentada-a-tiros-nao-aceitava-fim-do-namoro-diz-policia.ghtm
Foi um feminicídio cruel e brutal', diz mãe de mulher assassinada e carbonizada no Recife https://globoplay.globo.com/v/9763146/
Feminicídio: Mulher é morta a facadas na frente da filha em Joinville; marido foi preso https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/08/13/feminicidio-mulher-e-morta-a-facadas-na-frente-da-filha-em-joinville-marido-foi-preso.ghtml
Mulher morta no Complexo do Chapadão é enterrada https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/08/6213030-mulher-morta-no-complexo-do-chapadao-e-enterrada.html
Mulher é morta com 18 facadas no bairro de Santa Evelvinahttps://www.acritica.com/channels/hoje/news/mulher-e-assassinada-com-18-facadas-no-bairro-santa-evelvina
Mulher de Pindamonhangaba é morta com mais de 20 tiros em Cachoeira Paulista https://www.band.uol.com.br/band-vale/noticias/mulher-de-pindamonhangaba-e-morta-com-mais-de-20-tiros-em-cachoeira-paulista-16366251
Diretora de circuito da F1 morta por marido já namorava mulher, diz amiga... - Veja mais em https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/08/17/diretora-circuito-spa-francorchamps-morta-marido-namorada.htm?cmpid=copiaecola
Mulher de 46 anos é assassinada a facadas em Conchal; GCM prende suspeito https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/08/17/homem-e-preso-em-conchal-apos-matar-mulher-a-facadas.ghtml
Mulher é morta pelo ex-marido na frente do filho e dos pais no Ceará https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/08/21/mulher-e-morta-pelo-ex-marido-na-frente-do-filho-e-dos-pais-no-ceara.ghtml
Mulher morta pelo ex-marido em Arapongas é identificada https://tnonline.uol.com.br/noticias/arapongas/mulher-morta-pelo-ex-marido-em-arapongas-e-identificada-545354?d=1
Mulher é encontrada morta asfixiada com um pano, em Picuí, na Paraíba https://globoplay.globo.com/v/9792912/
Três mulheres são assassinadas vítimas de feminicídio na

Paraíbahttps://globoplay.globo.com/v/9794174/
Homem aciona a polícia e confessa ter matado a esposa em condomínio de Ourinhos https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/08/23/homem-aciona-a-policia-e-confessa-ter-matado-a-esposa-em-condominio-de-ourinhos.ghtml
Assassinato de uma mulher choca moradores de Campestre https://tribunahoje.com/noticias/policia/2021/08/24/assassinato-de-uma-mulher-choca-moradores-de-campestre/
Empresária é morta pelo marido em Mato Grosso https://www.vgnoticias.com.br/cidades/empresaria-e-morta-pelo-marido-em-mato-grosso/81377
Marido mata esposa, procura a polícia simulando sumiço da vítima e é preso https://istoe.com.br/marido-mata-esposa-procura-a-policia-simulando-sumico-da-vitima-e-e-preso/
Feminicídio: professora morta em rio no AP pediu medida protetiva e denunciou o ex por ameaça https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/08/27/feminicidio-professora-morta-em-rio-no-ap-pediu-medida-protetiva-e-denunciou-o-ex-por-ameaca.ghtml
Catadora de materiais recicláveis é assassinada a facadas em Itatiaia https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2021/08/27/mulher-e-assassinada-a-facadas-em-itatiaia.ghtml
Mulher é morta a tiros pelo ex-marido em Capoeirashttps://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/08/28/mulher-e-morta-a-tiros-pelo-ex-marido-em-capoeiras.ghtml
GO: Corpo de vendedora desaparecida é encontrado queimado em saco de lixo https://istoe.com.br/corpo-de-vendedora-desaparecida-e-encontrado-queimado-em-saco-de-lixo/
Mulher é encontrada morta após filho de 11 anos ligar para a polícia avisando sobre briga entre os pais https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/08/28/mulher-e-encontrada-morta-apos-filho-de-11-anos-ligar-para-a-policia-avisando-sobre-briga-entre-os-pais.ghtml
Mulher é morta a facadas pelo companheiro em São Gabriel da Palha https://www.agazeta.com.br/es/policia/mulher-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-em-sao-gabriel-da-palha-0821
Mulher é morta a tiros em fazenda no sudoeste da Bahia; filha de 7 anos também foi baleada https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/08/29/mulher-e-morta-a-tiros-em-fazenda-no-sudoeste-da-bahia-filha-de-7-anos-tambem-foi-atingida-pelos-disparos.ghtml
Mulher é morta dentro de banheiro de casa com cinco tiros por ex-companheiro em São Lourenço, MG https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2021/08/30/mulher-e-morta-dentro-de-banheiro-de-casa-com-cinco-tiros-por-ex-companheiro-em-sao-lourenco-mg.ghtml